

Saberes Tradicionais de Terreiro no Ensino de História: resistência e preservação de uma memória ancestral

Olga Cristina Mendonça Cavalcante, olga.mendonca@ufpe.br/Prof: Secretaria de Educação do Estado de Pe.

Tatiana Rodrigues de Moura, tatiana.rmoura@ufpe.br/Prof: Secretaria de Educação do Estado de Pe.

CATEGORIA: (☒) Minicurso () Oficina

Nº de vagas ()

Recursos necessários: Data Show, internet

INTRODUÇÃO

O nosso minicurso tem como objetivo refletir sobre o papel de uma Comunidade Tradicional de Terreiro como território de resistência e preservação de uma memória ancestral, a qual possui um sistema de organização hierárquica geracional que ultrapassa a fronteira da religião de herança nagô-yorubana. O respeito e a honra dada aos que vieram primeiro, nossos mais velhos e mais velhas, são consideradas(as) bibliotecas vivas, repositórios de múltiplas heranças afro diaspóricas em uma simbiose com a natureza, e conviver com um mais velho é se conectar com sua ancestralidade. Na cultura de Candomblé um valor civilizatório das vivências acumuladas ao longo dos tempos, possibilita aquele ou aquela pessoa a ensinar saberes tradicionais construídos, concepções presentes na comunidade de terreiro e promover na escola, especificamente nas aulas de história o estudo da historicidade de uma Comunidade tradicional de terreiro de origem africana, praticando dessa maneira uma pedagogia das Encruzilhadas e perceber uma estrutura que nasce dentro dos quilombos, no pátio das senzalas ou nas periferias dos grandes centros urbanos iniciados por negros e negras escravizados, libertos ou forros que dentro da religiosidade conseguiram manter guardada em sua memória tudo que poderiam preservar de sua vivência em África e no Brasil, ressignificando acrescentando outros elementos, na natureza, na relação com os saberes tradicionais das plantas, onde, para eles, se relacionar com seu sagrado (Orixás), precisam ter o axé das plantas, ou seja, "kò sí ewé, kò sí Òrìṣà" (sem folha, não há Orixá) e dessa maneira, possibilitar que estudantes de estágios supervisionados, aproximem-se de práticas, diálogos e saberes ancestrais, e construam sua práticas e metodologias de ensino.

OBJETIVO

O trabalho tem o objetivo de promover uma metodologia de Ensino de História inspirada em uma proposta pedagógica decolonial. Propõe efetivar os princípios das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que determinam a obrigatoriedade da inclusão da História e cultura dos povos afrodescendentes, no âmbito do currículo escolar, incluindo nessas propostas, personalidades negras e saberes tradicionais de plantas de terreiro. Partimos da crítica de que as perspectivas da colonialidade são reestabelecidas através das estruturas sociais e defendemos que é de fundamental importância que professores de História se mantenham atentos a esses debates para que possamos desconstruir os padrões estruturais do racismo. Para efetivar esse

compromisso, acreditamos que é possível valer-se da proposta da Pedagogia Decolonial.

METODOLOGIA

Pretendemos realizar aulas dialogadas e práticas com reflexão e manejo dos saberes sobre as Plantas Tradicionais. Problematicando o desuso relacionado aos diversos saberes sobre as Plantas e resgatar as memórias para pensar nas pessoas que manuseiam os saberes com as Plantas Tradicionais no nosso meio social e entre as Comunidades de Terreiro. Dessa maneira entender como e para qual finalidade as plantas são usadas, em uma comunidade de Terreiro ou entre a população urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; SANTOS, Mário Ribeiro dos (Orgs). Narrativas Urbanas: práticas de pesquisa e escrita de novas histórias. Recife-PE:EDUPE, 2022.
- ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mario Ribeiro dos. Exu Faz Presença na Sala de Aula: reflexões sobre as práticas religiosas afro-brasileiras no Ensino de História. Revista História Hoje. Anpuh-Brasil, v. 11, n. 22, p. 327-348, jan./jun., 2022.
- ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.
- BADARÓ, Wilson Oliveira. A cura em Kemet entre 1700 e 1500 a. C.: anotações, caracterização e conteúdo do papiro de Edwin Smith. Revista Eletrônica Discente História. com, v. 5, n. 9, p. 89-107, 2018.
- BARBOZA, Myrian Sá Leitão et al. “Sem as plantas a religião não existiria”: simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). Nova Revista Amazônica, v. 9, n. 3, p. 147-165, 2021.
- BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Importância da demarcação de saberes no ensino de ciências para sociedades tradicionais. Ciência & Educação, v. 16, n. 03, p. 679-694, 2010.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa et al. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. Revista Cocar, v. 9, n. 18, p. 255-284, 2015.
- BATISTA, Jailson Lucena. Conhecimentos tradicionais: estudos jurídicos das legislações e convenções no âmbito nacional e internacional. Belém: UFPA, 2005.
- BENISTE, José. História dos Candomblés no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
- BETFUER, Leonardo Laguna. A Implementação da Aliança para o Progresso em Pernambuco (1961-1964): convênios de habitação e colonização. FFLCH. Congresso de História Econômica, USP, 2018.
- BITTENCURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAPONE, Stefania. A busca da África no Brasil: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARTH, John Lande. A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Etnico-Raciais (afro-brasileira, quilombola,

cigana). Disponível em:
<https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf>
 Acesso: 15/09/2024

Currículo de Pernambuco: ensino médio / Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação; coord. Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório; apresentação Marcelo Andrade Bezerra Barros, Natanael José da Silva, Recife, 2021.

MARÇAL, Regina Pontes. Quilombolas, Representações Sociais: um estudo sobre a cultura e a história afro-descendente. Monografia. Curso de Ciências Sociais. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância Religiosa. Col. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2020.

ALONSO, Angela. Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). Editora Companhia das Letras, 2015.

ARROYO, Miguel G. Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. Educar em Revista. 55, pág. 47-68, 2015.

BIRMAN, Joel, (2000). Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LE GOFF, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

PEREIRA, Nilton Mullet. O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo. Revista Pedagógica, v. 20, n. 45, p. 16-35, 2018.

PEREIRA, N. M.; PAIM, E. A. Apresentação do Dossiê: O pensamento decolonial e o ensino de História. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 20, n. 45, p. 11-15, set./dez.

WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine; DE OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. Education Policy Analysis Archives, v. 26, p. 83-83, 2018.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017, 180p.